

CRUZ, ELIANE ALVES. NADA DIGO DE TI, QUE EM TI NÃO VEJA. RIO DE JANEIRO: PALLAS, 2020.

CRUZ, ELIANE ALVES. NADA DIGO DE TI, QUE EM TI NÃO VEJA.
RIO DE JANEIRO: PALLAS, 2020

Mariana Antônia Santiago Carvalho

Mestra em Letras pela Universidade Federal do Ceará (Fortaleza/Brasil).
E-mail: marianaasc92@hotmail.com

Yuri Brunello

Doutor em Metodologie ricerca sullo spettacolo pela La Sapienza-Università degli Studi di Roma (Roma/Itália).
Professor Adjunto III e professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (Fortaleza/Brasil).
Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (Salvador/Brasil).
E-mail: yuribrunello@ufc.com.br

Recebido em: 12 de setembro de 2021

Aprovado em: 6 de novembro de 2021

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 19 | n. 1 | p. 251-255 | jan./abr. 2022

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v1.2551>

O novo romance de Eliane Alves Cruz segue o mesmo gênero das demais publicações da autora desde a publicação de *Água de Barrela* (2016): o romance histórico. O seu primeiro livro publicado por meio do prêmio Oliveira Silveira, da Fundação Cultural Palmares com o Ministério da Cultura, é uma miscelânea da genealogia da sua família com a utilização da fabulação para suprir lacunas históricas que desenrolam todos os ancestrais da escritora ao longo de 170 anos até os dias atuais. Atrelado às questões da memória e história, o romance desenvolve a descendência de Ewe, a africana capturada que, estando grávida, faz o trajeto no navio negreiro e, como última força, dá à luz Anolina, a primeira a nascer no Brasil, tornando-se a fundadora de uma nova linhagem que perpassa a vida de Cruz.

Já em **O Crime do Cais do Valongo** (2018), a escritora envereda sua trama de modo a guiar o leitor em busca da solução do assassinato de Bernardo Lourenço Viana, um senhor de escravos cruel. A narradora é uma escravizada do senhor Bernardo. Ela sabe intimamente dos pormenores da vida do senhorio, pois sabe ler, mas finge ignorância em um ato de esperteza e sobrevivência. Dessa forma, Muana consegue sempre saber sobre as comunicações que o senhor Bernardo trava com pessoas e instituições, de forma que assim consegue precaver-se de atitudes senhoriais que possam prejudicá-la. Ademais, no início do romance, é descrito o castigo físico de um negro jimbanda mergulhado em um caldeirão com água fervente em um ato público e de gozo aos brancos presentes. Esse termo era usado aos negros que tinham relações homoafetivas. A narradora acrescenta que muitos jimbandas também exerciam a prática da feitiçaria, o que duplamente os tornavam alvos de castigos.

A temática da homossexualidade retorna e é uma das tessituras importantes no novo romance de Cruz, **Nada Digo de Ti, Que em Ti Não Veja** (2020). O romance não tem um personagem central, e sim vários, entre eles, a travesti Vitória, que antes desse nome também atendia por Kiluanji Ngonga, depois Nzinga Ngonga, depois Nganga Marinda, até culminar Manuel, momento este em que o processo de escravização não respeitou a opção de gênero e impôs a conduta masculina à negra; e após conseguir a liberdade, Vitória, reassumindo a performance de gênero que a agrada. A personagem jimbanda possui uma história de amor com o branco Felipe Gama. Ágil em se defender e descobrir o que se pretendiam esconder, Vitória ora é prostituta, ora é curandeira, ora desempenha papel de detetive. Mas uma coisa é certa: é uma mulher em busca não só da liberdade, mas da liberdade de amar. Construída totalmente à revelia dos estereótipos, Vitória só poderia ser feita por meio da pena de uma autora sensível e comprometida com a história do povo preto.

Com Vitória também temos o casal Zé Savalú e Quitéria, companheiros escravizados que cresceram com a sinhazinha Sianinha Muniz. Uma vez despertado o amor entre os negros, Sianinha sente ciúmes por estar fora do relacionamento e, utilizando do seu poder de senhora, cria estratégias para provocar

castigos, separação e sofrimentos ao casal. Já dada em casamento ao Felipe Gama, Sianinha prepara há tempos o seu enxoval sempre esbarrando em algum empecilho por parte do noivo para a mudança da data do casório. Ela não sabe, mas seu futuro marido é apaixonado por Vitória. Amor acompanhado de culpa e medo por saber que Vitória não é uma negra qualquer e, uma vez que a sociedade fique sabendo do seu caso, não cessarão os boatos de sua pederastia.

Sianinha Muniz e Felipe Gama pertencem a duas famílias que buscam o prestígio social em busca de esconder um passado considerado vexatório. Ambas as estirpes possuem uma ligação ancestral: seus antepassados chegaram ao Brasil em busca de um novo recomeço proferindo uma nova fé. Eram cristãos novos e, inseridos na sociedade colonial brasileira, trataram de afastar qualquer ligação com a antiga religião, o judaísmo, sendo os católicos mais conservadores possíveis, o que era apenas uma manobra social, visto que no íntimo familiar certas tradições judaicas continuavam a ser concretizadas: como guardar o sábado, os ritos funéreas e a abstinência de carne suína. Os Munizes e Gamas ansiavam por obter prestígio social, principalmente para esconder suas práticas, que, uma vez descobertas, poderiam levá-los a ser alvo da Inquisição Católica Portuguesa, período que vigorou de 1546 a 1821.

Cruz, por meio de uma obra contextualizada em 1732, aborda temáticas atuais, o que mostra que mazelas que ainda temos que lidar atualmente já eram praticadas em priscas eras. Como exemplo: a delação premiada. No século XVIII não era assim chamada a prática de denunciar outrem em busca de vantagens, mas possuía o mesmo princípio. Contudo, não era necessário estar em maus lençóis para denunciar. Visando ao patrimônio do outro, era possível denunciar à Igreja Católica que alguém era judeu, e uma vez provada a veracidade da denúncia, os bens do denunciado eram repartidos entre o delator e a Igreja. Uma prática muito vantajosa, como até hoje é em sua nova roupagem.

Outro ponto interessante sobre os cristãos novos no Brasil Colônia são suas ligações com a exploração dos corpos negros e como foram responsáveis por financiar o tráfico negreiro a fim de abastecer a mão de obra escravizada das minas. A família Gama, por meio do seu chefe familiar, domina a mineração em busca de pedras preciosas no que hoje é conhecido o território de Minas Gerais. Enriquecendo por meio da extração, também utilizam meios escusos para não pagarem os devidos impostos à Coroa. Em um dado momento em que uma personagem decide enveredar no mundo da mineração como potencial caminho para um dia conseguir da liberdade, a personagem toma ciência das práticas degradantes em que muitos negros eram alvo: horas seguidas em minas submersas por águas ou em buracos, o que em pouco tempo os deixavam cegos e com problemas respiratórios. O porte físico também era um problema. A preferência era de negros de estaturas baixas, pois melhor conseguiam adentrar nas escavações. Aos altos, o caminho era torná-los eunucos para não criarem uma descendência de negros altos. Dessa

maneira, os senhores conseguiam manipular as características físicas da próxima geração que seria destinada à exploração mineira.

A relação entre judeus e negros em solo carioca não é novidade entre escritores negro-brasileiros. O polímata Nei Lopes, em 2018, lançou o romance **O Preto que Falava Lídice**, no qual aborda o relacionamento, algumas vezes harmônico, outras vezes conturbado, entre negros e judeus na antiga Praça Onze. Esse local, hoje apenas na lembrança, foi local em que grupos marginalizados dividiam espaço, por isso o encontro entre o negro Nozinho e a judia Rachel. Encontro não inédito, visto que temos o possível enlace entre rei Salomão, hebreu, e rainha de Sabá, etíope; mas com toques tupiniquins que só o solo brasileiro pode ofertar.

Todos os romances da Eliana Alves Cruz, por serem romances históricos, são um resgate da memória coletiva que os negros diaspóricos não têm acesso. A historiografia foi cruel a esse povo. Parcas documentações, lacunas impreenchíveis, ausência de narrativas de denúncias da condição dos escravizados. Há documentos oficiais que podem ser acessados a fim de conseguir algumas informações dos ancestrais, como os batistérios e certidões de óbitos, mas traçar uma genealogia desde o primeiro negro que aqui chegou é impossível. Logo, a importância do engajamento de escritores como Cruz, Nei Lopes, Ana Maria Gonçalves, entre tantos outros escritores negro-brasileiros, manifesta-se como os antigos griôs faziam por meio da oralidade: contam a história do povo exaltando e nos colocando para refletir.

A memória é um tema abordado na Crítica Literária. Inúmeros são os teóricos que se debruçam em amarrar o texto literário e o ato de rememorar. Todavia, boa parte desses conceitos estão ligados a epistemologias eurocentradas, que, forjadas a dialogar com o contexto racial brasileiro, não contemplam de maneira adequada. Por isso a importância de intelectuais negro-brasileiros engajados em empretecer a nossa Crítica. Cuti, Conceição Evaristo, Livia Natália de Sousa estão entre alguns que ativamente produzem reflexões que partem da escritura negra. É de Livia Natália (2015) o alerta de que textos negro-femininos brasileiros precisam ser analisados a partir de uma abordagem racializada e de classe. Nisto, Conceição Evaristo (2020) é recorrida, pois criou o conceito de *escrevivência*. O termo é importante para que possamos compreender que a produção de nossos autores negros é fruto não apenas do ato de fabular, mas também das ranhuras sociais que são transplantadas para o texto literário. Da mesma forma temos *dororidade*, de Vilma Piedade (2017), que aborda que as mulheres negras estão ligadas por um laço de dor, de racismo, de subalternização que políticas feministas muitas vezes não abarcam, justamente por não compreender.

O que fica da produção da Eliana Alves Cruz é o sentimento de nova roupagem que as produções atuais dos escritores negros propõem: o fim do ciclo de representações degradantes na literatura nacional que fomentam, ainda mais, o racismo, a misoginia, a homofobia em nossa sociedade.

O resgate da memória e da história não precisam, necessariamente, passar pelo caminho da dor. Há glória em estarmos aqui e sermos os descendentes daqueles que resistiram e sobreviveram ao tumbeiro, ao pelourinho, à fome e à castração.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: Duarte, C. L.; Nunes, I. R. (org).

Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

CRUZ, Eliana Alves. *Água de Barrela*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

CRUZ, Eliana Alves. **O crime do cais do Valongo**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.

CRUZ, Eliana Alves. **Nada de ti, que em ti não veja**. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

LOPES, Nei. **O preto que falava iídiche**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017.

SOUZA, L. M. N. de. Negropoéticas e negropolíticas na Literatura negro-feminina brasileira contemporânea. **Tabuleiro de Letras**. Salvador, v. 9, n. 2, 2015, p. 83-101.